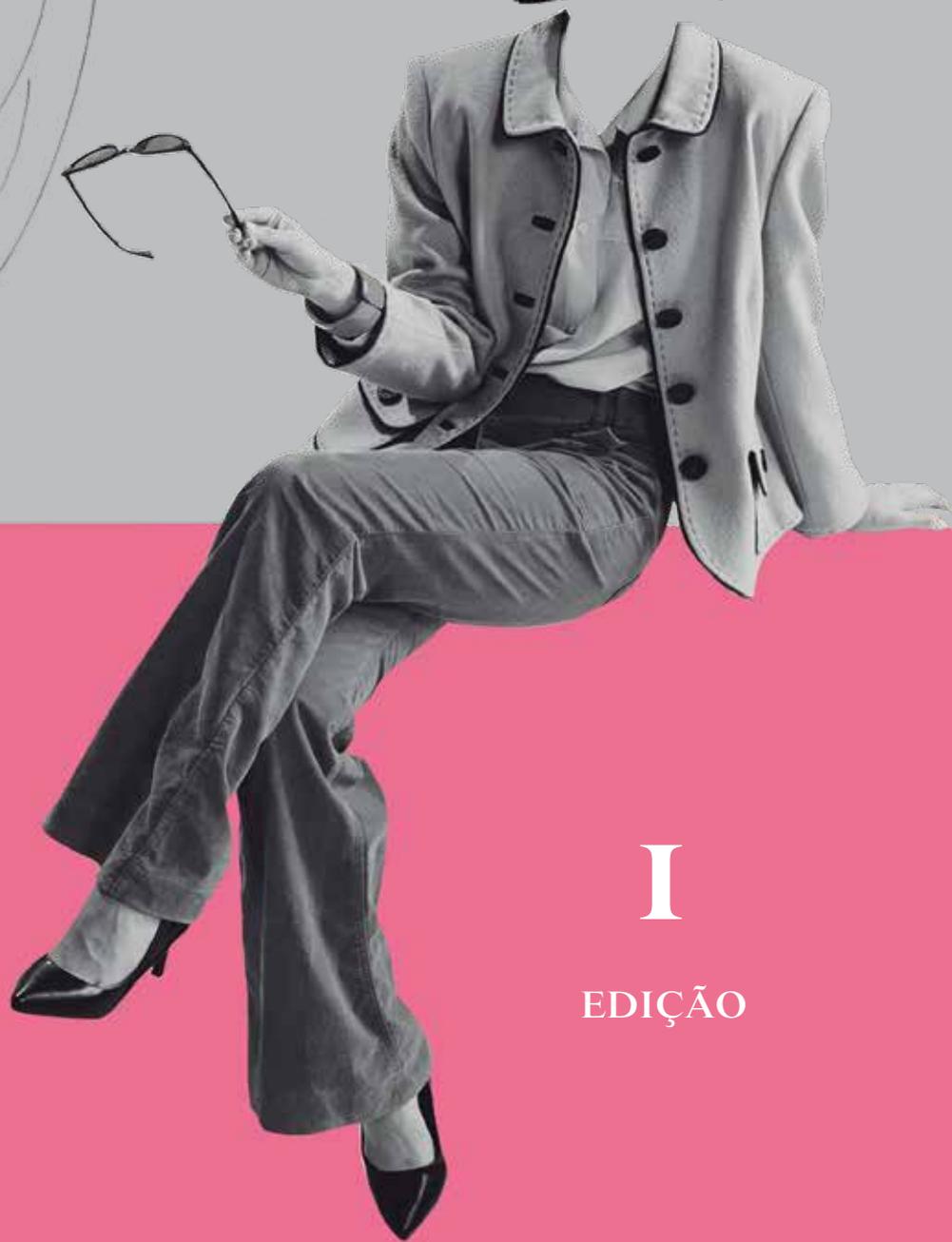


# MUSEOLOGIA

V. 1, N. 1 - FEV. 2025

EM FOCO

#1 ENTREVISTA COM  
MUSEOLÓGO(A)



I

EDIÇÃO

REVISTA DO CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA  
5ª REGIÃO PR/SC

© 2025 Corem 5R

## MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

### DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente  
Franciele Maziero

Vice-presidente  
João Paulo Corrêa

Secretária  
Denize Gonzaga

Tesoureira  
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares  
Denize Gonzaga  
Fernanda Cheffer Moreira  
Franciele Maziero  
João Paulo Corrêa  
Marcella Monteiro Borel  
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente  
Luan da Rosa Pacheco

---

### EXPEDIENTE

Edição  
COREM 5ª REGIÃO PR/SC

Coordenação  
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação  
Denize Gonzaga

Revisão textual  
Denize Gonzaga

Concepção de capa  
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN  
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. 1 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

## Apresentação

A Lei Federal nº 7.287/1984, que regulamenta a profissão de Museólogo no Brasil, completou 40 anos no dia 18 de dezembro de 2024, data na qual também se comemora o Dia do Museólogo. Nesse sentido, foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para aqueles, aquelas e aqueles que lutam pela profissionalização dos museus, pelos espaços de memória e, principalmente, pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados, pelo Instagram, diversos museólogos(as) registrados e atuantes. Ao todo, foram feitas 10 entrevistas em formato de lives, que foram transcritas, reunidas nesta publicação e serão publicadas ao longo de 2025. As conversas foram realizadas com museólogos de diferentes campos da Museologia, da Gestão Estratégica à Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e a atuação dos nossos registrados nos diversos museus de nossa jurisdição. Nosso intuito é dar acesso a informações sobre o campo, tornando-as, almejamos, fonte de pesquisa, consulta e estudo a trabalhadores, estudantes e interessados.

O COREM 5R agradece a todos, todas e todes que aceitaram o convite; que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis aos que desejam ver a Museologia cada vez mais humana, diversa e inclusiva. Boa leitura! ■

**# ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)**

MARCO ANTONIO FIGUEIREDO BALLESTER JÚNIOR



*Da mesma maneira que a gente quer que um posto de saúde funcione bem, um hospital funcione bem ou uma repartição pública funcione bem, o museu também tem que funcionar bem.*

---

*Marco Antonio vive em Itajaí/SC. É formado em História pela UNIVALI/SC e em Museologia pela UNIBAVE/SC. É ex-presidente do COFEM e museólogo registrado no COREM 5R.*

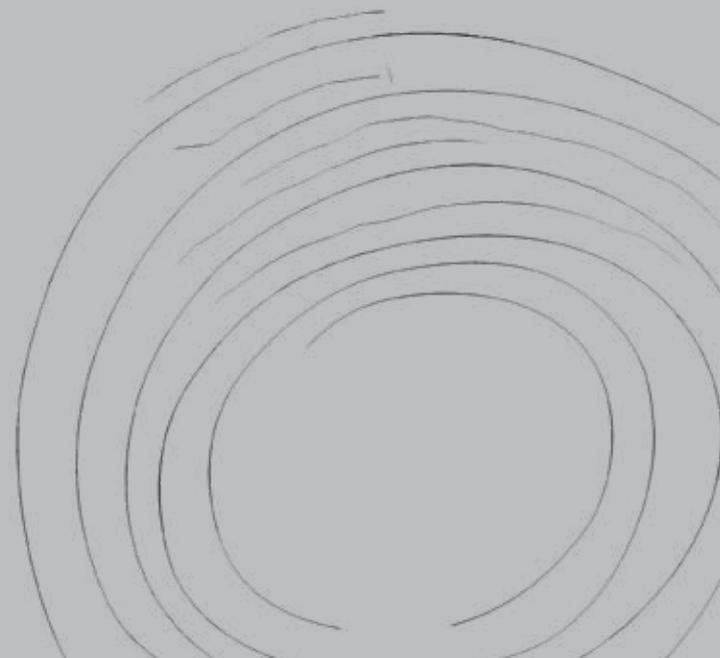
**Franciele Maziero** | Boa noite, pessoal. Estamos realizando a 1ª live do COREM 5ª Região.

**Marco Antonio Figueiredo Ballester Júnior** | Boa noite.

**Franciele** | Para quem não me conhece, me chamo Franciele Maziero e estou presidente do COREM 5R. Vamos começar a nossa sessão de lives, o nosso projeto “Live com Museólogo(a)” vai, ao longo do ano, convidar diversos museólogos, diversos profissionais do COREM 5R para nossa entrevista — lembrando que este ano teremos os 40 anos de regulamentação da lei 7287/84, do profissional museólogo. A ideia é trazer informações sobre suas carreiras e trajetórias. Vamos começar com o profissional Marco Antonio Figueiredo Ballester Júnior. De primeira mão, gostaria de te agradecer pelo aceite desse convite. Nós, do COREM 5R, ficamos bem felizes. Lembrando a todos que estão nos assistindo, o Marco é registrado no COREM 5R e atualmente é o presidente do Conselho Federal de Museologia - COFEM. Marco, falando um pouco sobre como que você iniciou na Museologia, porque sabemos que você já tem formação em História. O que te fez inicialmente entrar na área? Em que ano foi? Em qual instituição você estudou? Se puder falar um pouco para nós. Fica à vontade.

**Marco Antonio** | Boa noite a todos e a todas. Primeiramente gostaria de agradecer o convite do COREM 5R pela possibilidade. Fico feliz por estarmos neste momento dos 40 anos da profissão, com essa gama de comemorações que o Brasil inteiro vai fazer dentro de cada COREM. Bem, eu sou formado em Museologia em 2010, pelo

Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE. Antes de fazer Museologia, eu já era formado em História pela UNIVALI (2004). Contudo, logo no término da faculdade de História, teve uma mudança política local aqui. E na época eu assumi como diretor do Museu Histórico de Itajaí [...]. E por questões políticas, a gente assumiu o museu pela Fundação Genésio Miranda Lins. Porém, foi um ano bem difícil. Foi a primeira vez que um partido de esquerda, e não de centro, que ganhou aqui na cidade. Então foi uma pressão muito grande em todas as áreas do município e na área de cultura não foi diferente. E como a gente trabalha na área de patrimônio, a parte de patrimônio era muito visada por certos grupos da cidade, até por uma questão de identidade local. Bom, eu já era funcionário do museu histórico. E aí o pessoal falou o seguinte “Tá, mas tu não tem experiência, tu não tem faculdade de Museologia, tu é formado em História”. E eu falei “Se é por falta de ser uma faculdade de Museologia, então vou atrás da graduação.” E aí, o que acontece? Na época tinha recém-aberto a Unibave. E era



um curso de modalidade especial. Tu tinha lá uns finais de semana e, durante janeiro e julho, tu tinha um período chamado concentrado, que tu ficava um mês lá, 15 dias, 20 dias, dependendo da forma como era feito o cronograma de aula. Então eu entrei na faculdade com o intuito de me capacitar. Na época, até eu me lembro que a coordenadora do curso, Angela Paiva, falava “Não, você pode fazer um mestrado.” Na época, o único local que tinha mestrado era Portugal. A Unibave tinha pensado, mas não tinha mestrado ainda. E eu falei “Eu quero fazer uma graduação, porque em uma graduação tu tem todo o cabedal de conhecimento que o mestrado vai te dar. Então em 2005, assumi o museu e, em 2006, fiz algumas cadeiras no unibave, mas oficialmente entrei na faculdade em 2006 e terminei em 2010, com o TCC.

**Franciele** | Sim, o fato de você ter começado algumas cadeiras antes foi decisivo para você entrar no curso?

**Marco Antonio** | Na realidade, como já atuava em museu, eu já era concursado no museu em 2003, não como dentro das especificidades. Em 2003, não tinha nem museólogo nos quadros da prefeitura de Itajaí. Ou seja, existia esse curso, foi ser criado em 2008 por causa do curso de Museologia de Orleans, que a gente trouxe essa necessidade de uma dessas reformas administrativas malucas de prefeitura. A gente trouxe, falou “Olha, é lei federal e foram encaixados na época dois museólogos, porque aqui em Itajaí tinha um museu funcionando e o outro estava em processo ainda. O museu Etno-arqueológico não estava em processo ainda, mas também teve outros cargos que foram encaixados, mas dentre eles o museólogo entrou. Então quando eu fiz essas duas cadeiras, na realidade foi para começar a entender como é que era o curso, e na época não tinha outra turma aberta, só tinha a primeira turma e logo depois veio a segunda.

**Franciele** | E o que é interessante você comentar, Marco, como Itajaí hoje é uma cidade que tem dois profissionais museólogos, porque tem dois museus ali. Além de ter, enfim, outros profissionais também formados na área. Então isto é bem interessante: são poucos os municípios, tanto em Santa Catarina quanto no Paraná, que têm essa gama de profissionais formados dentro do seus quadros. É bem interessante. Então essa necessidade de você entrar na Museologia foi porque você já estava dentro de museu?

**Marco Antonio** | Trabalhava dentro de museu, como estagiário desde 2000 e, como concursado, desde 2003. E todo o trabalho com um acervo na época. Porque, como eu falei anteriormente, até 2008 não tinha museólogo dentro do museu; os únicos museus que eu sabia que tinham museólogo na prefeitura, nos quadros — eu posso estar enganado — era Blumenau, que tinha criado o cargo; o governo do estado [de SC], na Fundação Catarinense de Cultura (FCC)... Eu não me lembro se Chapecó tinha; Lages eu sei que não tem; então, dos grandes municípios catarinenses, só tinha em Blumenau. Mas Itajaí só foi criado mediante uma oportunidade. Estavam abrindo novos cargos na Fundação Genésio Miranda Lins e na época pensaram “Por que não acrescentar um cargo de museólogo?”

**Franciele** | Então você já ouvia falar dessa questão do profissional museólogo. Você chegou a conhecer algum profissional museólogo antes de começar a faculdade, no sentido de poder estar junto, trocar uma ideia, como é que era isso?

**Marco Antônio** | No COREM, a primeira pessoa que eu tive a oportunidade de conhecer foi a Angela Paiva, que foi a coordenadora do curso de Museologia de Orleans. Tirando isso, pessoas que fizeram, por exemplo, especialização da UDESC, porque, em SC, antes da UNIBAVE, a UDESC fez um curso de especialização. Como tinha a questão da lei 7287/84, que não prevê a especialização... muita gente se formou naquela especialização da UDESC, que também lá na frente serviu para trabalhar no NEMU... Mas de museólogo com o registro foi a Angela. E, claro, lendo muito os trabalhos dos Anais do Museu Paulista, que chegava no museu histórico. Ou seja, vira e mexe esbarrava com algum trabalho de algum museólogo. Hoje na Internet tudo tu consegue, mas na época tu pouco conseguia. O trabalho da Maria Célia [Teixeira Moura Santos], falando sobre a questão de museu e escola, coisa que era o que estava mais em voga na época, que tinha mais acesso. Tirando isso, trabalhar no interior, fora de capital, e ainda termos essa situação, foi muito complicado. Mas a Angela foi o primeiro contato que eu tive oficialmente, para me informar sobre o curso de Museologia. É óbvio, uma das pessoas que me incentivou a fazer aquela especialização na UDESC (não existia o Unibave) foi o secretário de educação da época, o professor Edson D’Ávila, dizendo “Por que você não faz a especialização”. Porque eu já trabalhava dentro de um museu e porque era paga e eu ainda estava em uma estágio probatório da prefeitura.

Então uma questão financeira e a outra é que eu estava no probatório. Então deixei o probatório maturar para depois pensar. Acabei fazendo faculdade de Museologia ainda dentro do probatório, mas era uma coisa mais certa, porque uma especialização hoje tem, amanhã tu não sabe...

**Franciele** | Então, pensando nesses profissionais museólogos que você chegou a conhecer ou que você teve acesso, pelo menos à literatura, à questão técnica, chegou a ter uma inspiração “Ah, eu quero seguir o caminho desse profissional, porque eu vejo que isso é bacana, ou algum museólogo que te inspirou nesse sentido?

**Marco Antonio** | Os textos que eu, antes de fazer a faculdade de Museologia, lia vinha muito pelos Anais do Museu Paulista, textos ligados a Waldisa Rússio, não da Waldisa, mas ligados a ela, ou seja, eu não sabia quem ela era, mas o que o pessoal escrevia falando dela, era muito importante. E logo depois começaram a aparecer os Cadernos da Sociomuseologia, que era o Mário Moutinho... E uma coisa que eu sempre prezei é que os museus são locais que precisam de uma sustentabilidade. Da mesma maneira que a gente quer que um posto de saúde funcione bem, um hospital funcione bem ou uma repartição pública funcione bem, o museu também tem que funcionar bem. Então, o Mário Montinho fala muito nisso, e eu também, olhando a nossa realidade, eu acho que tem que trabalhar independentemente da forma como está a instituição, tem que trabalhar assim.

**Franciele** | Pensar a questão também da tua própria faculdade em Orleans. Pensar que nem todo mundo conhece Orleans, mas é um pequeno município no sul de Santa Catarina. Teve alguma dificuldade de você se deslocar de Itajaí, que é onde você mora, que é litoral norte catarinense, até Orleans, que é uma cidade menor, enfim, fica mais no interior. Teve alguma dificuldade durante essa faculdade?

**Marco Antonio** | Bom, a gente pagava mensalidade. É diferente. Então, o que eu pagava de mensalidade era mais ou menos o que eu pagava de ônibus para ir. Por ter faculdade de História, muitas cadeiras eu eliminei na época. Não precisei fazer, mas era praticamente de 15 em 15 dias eu estava indo na faculdade mediante o cronograma de aula. Depois, lá, mais adiante, ficou, lá pelo quinto período, se não me falha a memória, eu comecei a ter aula mais regular, mas eu ia de ônibus. Saía aqui de Itajaí, pegava a empresa União ou Santo Ângelo, ia até Tubarão,

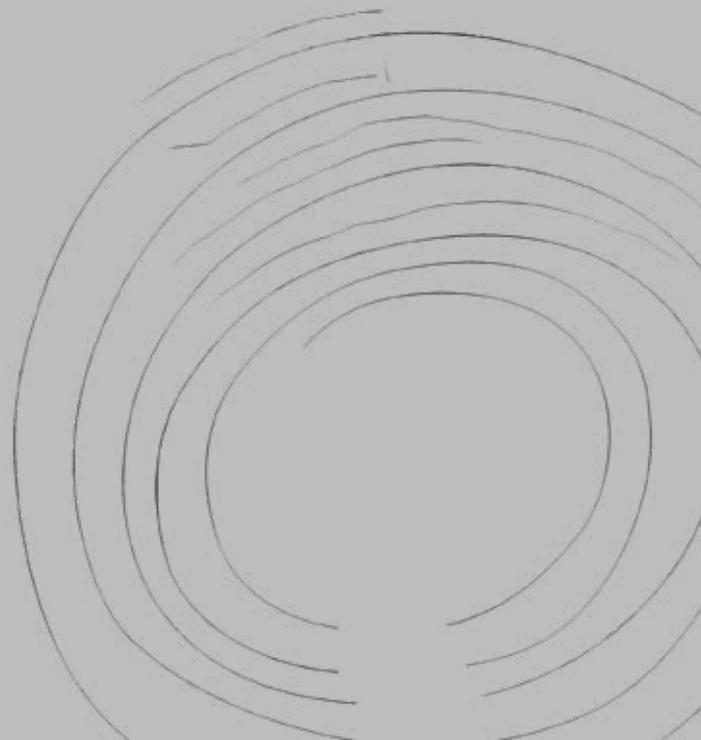
Criciúma, depois pegava pra Orleans. Ir não era um problema; problema era voltar. Ou seja, era uma epopeia. Eu sei que foram alguns quilômetros. E eu ainda peguei a época que a BR-101 – pra quem não conhece Santa Catarina, o litoral todo é cortado pela BR-101 - só tinha duplicação pro norte, e pro sul tava em processo. Ou seja, além disso, pegar um estrada em obra... Então é uma maravilha. Mas a parte boa desta ida e volta era ter uma parte de leitura que eu fazia dentro do ônibus. Assim eu aproveitava o momento que eu tinha de ônibus pra fazer uma leitura e já emendava uma coisa na outra e aproveitava para estudar. O tempo que estava ocioso.

**Franciele** | Aproveitava a lida do trânsito para fazer as leituras dos textos.

**Marco Antonio** | Botava um sonzinho no ouvido e vamos que vamos. E fora quando deu enchente, que não dava pra ir pra aula. Por exemplo, em 2008, tivemos uma enchente aqui no Vale [do Itajaí], e não tinha como ir pra faculdade. A rodoviária estava parada, eu estava com minha casa com 1 m e 90 cm de água por dentro de casa. Então, impossível de ter ido, mas quanto a isso tranquilo.

**Franciele** | Esta enchente de 2008 pegou o museu onde você trabalhava em Itajaí? Chegou a afetar?

**Marco Antonio** | Nenhum dos museus... Na época, o Museu Etno-Arqueológico ainda estava em processo. Nem o arquivo pegou. O histórico não teve. Falando em enchente, encheu a água e pegou a peça, não. Em 2008, o museu etno ainda não estava aberto, mas o que pegou de água foi literalmente uma água que entrou nos setores, que seriam os setores novos do museu, os prédios novos do museu, que não deu um dedo de água. Se tivesse hoje em pleno funcionamento, não teria problema também.



**Franciele** | Entendi. Marco, agora voltando ao que você falou anteriormente, que eu acho que vale a pena voltar: a questão do NEMU [Núcleo de Estudos Museológicos]. Fala para nós um pouco sobre o que é o NEMU, se ele existe ainda e foi importante na área da Museologia no estado [de SC].

**Marco Antonio** | O Núcleo de Estudos Museológicos era mantido pela UFSC, mas tinha parcerias, até onde eu sei, do IPHAN e da FCC na época. Então, era um curso de capacitação, diversos, de exposição, de ação educativa, documentação museológica, conservação de acervos, uma variedade de oficinas. E tu te escrevia, tu fazia lá. Teve em Blumenau, em Itajaí, em Caçador, Laguna pelos menos o que eu me lembro que eu fui... e teve outros em outras cidades do estado também. Era itinerante. Com o tempo, foi aumentando, mas ao mesmo tempo se esvaziando. Ou seja, ele foi referência na Política Nacional de Museus, na parte de capacitação, como um exemplo a ser seguido pelos outros estados. Então ele era um curso de capacitação que tinha profissionais de diversas expertises, que eram museólogos, especialistas em Museologia, que eram fora desse eixo da área de patrimônio. Então era um conjunto de pessoas que trabalhavam neles de oficineiros. Eu comecei a ter a parte de conhecimento, da parte prática de museus com o NEMU. O que são hoje as oficinas da Fundação Catarinense de Cultura, claro, com a sua devida temporalidade, com a sua devida expertise e necessidade, era o NEMU antigamente – detalhe, no Brasil, só havia dois cursos, que era a UNIRIO, no Rio de Janeiro, e a UFBA, em Salvador. Então, eram pouquíssimas as oportunidades que tu tinhas de capacitação nesse sentido. E em Santa Catarina foi pioneiro nesse quesito, de ter essa questão das oficinas. Muitos museus do estado de Santa Catarina tiveram um bom desenvolvimento ou tiveram informações sobre o que é o museu e para que serve o museu através do NEMU. Antes disso, tiveram as capacitações também ainda na época da Política Nacional de Museus. A gente fala política, mas a primeira política que teve de forma efetiva foi na década de 80, mas como forma orgânica de trabalho foi o NEMU. Sim, o NEMU foi mais orgânico que essas oficinas que tinham anteriormente. Bem, até onde eu sei, porque eu não tive contato com essas. Eu tenho essa informação pelo pessoal que fez antigamente as oficinas.

**Franciele** | E se alguém quiser fazer um curso

ou participar de alguma capacitação do NEMU, existe ainda ou não tem mais? Como é que faz?

**Marco Antonio** | O NEMU foi extinto, não existe mais, até porque, com a criação do curso de Orleans e com a própria Fundação Catarinense de Cultura assumindo essa questão das capacitações, o NEMU como função de capacitação perde a sua funcionalidade. Como ele se esvaziou, ele ia para as cidades e iam sempre as mesmas pessoas. Então se esvaziou, e isso é natural. Eu não vejo como uma questão negativa ou positiva. É natural. Uma hora o governo do estado veio, e o próprio UNIBAVE, com a questão do curso, meio que agregou essas pessoas que dão as oficinas no NEMU. A Unibave gradativamente contratou algumas pessoas que faziam o NEMU, por exemplo, a Elizabeth Neves Pires, a Betinha. Ela é uma das coordenadoras e estava junto na parte de organização do NEMU, que é a Fundação de Cultura, e depois foi dar aula em Orleans. Pra vocês verem essa migração desse pessoal de um lado para o outro e ao ponto que o NEMU é uma coisa ligada à UFSC, porém com uma questão de extensão. Eu não sei como estão os trabalhos do sobre, mas é muito importante fazer um trabalho de graduação, mestrado, doutorado sobre o NEMU; é uma história interessante do estado na questão de capacitação e na [?] dos próprios profissionais que deram, como também os profissionais que foram advindos pós-NEMU.

**Franciele** | Sim, do ponto de vista de auxiliar os museus, com certeza, foi bem importante. Os museus precisam dessa capacitação antes do curso.

**Marco Antonio** | E numa época em que tu não tinha nada, bibliografia, livro, o que for, não tinha nada. Era uma forma de ter um mínimo de contato sobre isso. Então foi importante. Nesse sentido, eu vejo como importante.

**Franciele** | Sim. Marco, pensando em termos das disciplinas que você teve durante a faculdade, teve alguma específica que você pensou “Isso aqui é difícil? Não quero tentar...” ou, muito pelo contrário, você se interessou muito e pensou “Poxa, gostei disso e quero seguir isso para a minha carreira”. Teve alguma disciplina que te chamou a atenção nesse sentido?

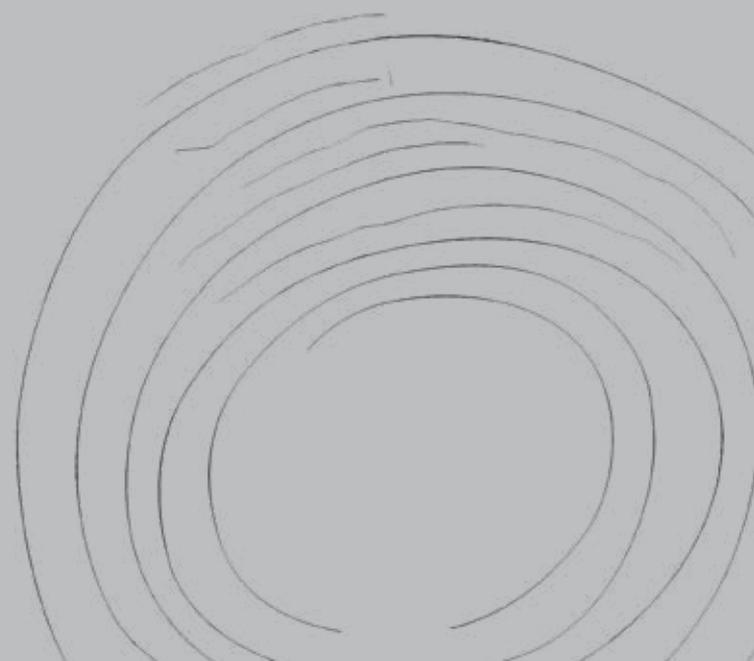
**Marco Antonio** | Voltando ao NEMU.... Como eu fazia o NEMU... das oficinas que eu fazia era documentação museológica, que depois fui fazer universidade. Por que a documentação museoló-

gica? Porque, como eu trabalhava aqui em Itajaí, o museu histórico, de época, ele tinha uma função, ele tinha a documentação dele muito embasada sobre a questão da arquivística, utilizando o Thesaurus de forma equivocada - porque o Thesaurus tem uma metodologia. E, assim, olhando o que tu leu o Thesaurus, vivendo o que estava lá, eu até entendo, porque o primeiro profissional oficial da Fundação Genésio Miranda Lins foi uma arquivista. Então, era lógico que isso acontecesse. E o museu histórico e o arquivo estavam no mesmo ambiente arquitetônico, estavam no mesmo prédio. E aí, olhando a dinâmica da documentação museológica e olhando a dinâmica que o museu precisava, eu me foquei nessa questão mais de documentação, porque, na época, a gente estava ainda trabalhando na lógica das oficinas da Política Nacional de Museus da década de 80, ou seja, com ficha... Tanto que as fichas que têm lá do museu histórico, as primeiras, eram muito baseadas em fichas que eram dessa política. Quem dava as oficinas dessas políticas, uma das pessoas, era o professor Fernando [Antonio da Silva] Romero, que deu em Laguna, onde o museu histórico fez, que trouxe para Itajaí, que, contudo, pela questão de uma falta de continuidade, não deram sequência nessa lógica de documentação dos acervos. E, detalhe, museólogo, sem conservador, sem a disciplina, é o que podia. Era o que tira na época. E aí foi essa situação, dessa falta de profissionais. E, eu vendo essa situação, pensei “Olha, é uma questão a ser pensada. E aí evidente que a documentação museológica, porque é um chão de um museu. O museu começa pelo seu acervo. E se o acervo não está bem documentado, tu não faz uma boa exposição, tu não faz uma ação educativa, tu não faz muita coisa... E o acervo do Museu Histórico é um acervo complexo, ele possui épocas. Então, tem épocas que ele tem mais informação, tem épocas que ele não tem informação nenhuma, tem épocas que tu não sabe nem porque aquele acervo está lá. Era um desafio fazer um processo de organização dessas informações e colocar disponível ao público, que infelizmente eu comecei através de estágio, mas infelizmente não conseguir dar sequência, por “n” motivos. Então, pela questão de não ser museólogo da instituição; segundo, pelas oscilações políticas, porque a gente pensa “Ah, é servidor público”, mas não, não quer dizer que o servidor público a coisa continue sempre no mesmo patamar. Não, tem coisa que avança, tem coisa que atrasa, tem coisa que tu retrocede, que é o pior. É o retrocesso, mas eu achava que a documentação museológica era a base do museu. Isso eu sempre falo e sempre digo e sempre,

independentemente ou não, do pessoal que trabalha com outras áreas da Museologia, na minha opinião, é a base, sim. Sem essa base tudo não faz nada de pesquisa dentro do museu.

**Franciele** | Isto que eu ia comentar com você: nós sabemos de alguns profissionais que entendem que um museólogo não precisa necessariamente trabalhar com acervo. Claro que a gente também percebe a realidade dos museus públicos e municipais catarinenses muito ainda focados nessa questão “Ah, temos uma coleção, precisamos cuidar. Vamos contratar um museólogo” ou, enfim, alguém relacionado para cuidar desse acervo. Você fez o estágio na área de documentação museológica no acervo onde você trabalhava na época. Então, como é que percebe essa questão da carência de pessoas interessadas nessa área da documentação dentro dos museus ou, por exemplo, nós temos uma gama de estudantes de Museologia que pensam muito que a Museologia é voltada pra questão educativa, ou só questões expográficas, ou só Plano Museológico. E a gente sempre vê a documentação museológica meio que renegada. Como é que você vê isso na realidade dos museus, de como a gente vê os museus, e num futuro aí não muito distante?

**Marco Antonio** | Bem, o que eu posso dizer é o seguinte: é que a Museologia se fragmentou muito nos últimos anos. Em que sentido? Até mesmo para questões da própria pesquisa, até mesmo pela questão do acesso aos museus dos profissionais museológicos. Hoje, é fato, muitos museus, por lei, têm que ter museólogo, mas a realidade não é essa. E conforme essas pessoas vão acessando os museus, vão acessando da maneira que conseguem, se é por uma ação educativa ou agora por plano museológico... Por que tem muito museólogo trabalhando com o plano museológico? Ou tu tem um plano ou tu não



acessa aos editais que o governo federal, governo estadual colocam no mercado. Ou seja, é ainda uma questão - que é importante, não estou dizendo que não é importante -, mas é uma realidade de mercado. Só que o mercado é algumas vezes... um plano museológico, encerrou, tu entregou, vai embora, mas tem trabalhos que são trabalhos contínuos dentro de um museu. A questão da conservação preventiva dos acervos, a questão da documentação museológica. É impossível ter um museu, claro, só se for um museu de coleção fechada, mas os museus geralmente são coleções abertas que estão sempre recebendo. E se a gente pegar o chão de fábrica, que eu sempre digo, o município, ele recebe todo dia. Ele recebe acervo todo dia, uma vez por mês, ou uma vez a cada dois meses, mas vai receber acervo. E se pegar município menor que o contato com o museu é muito mais próximo, por causa da estrutura administrativa do município... Então existe uma questão muito clara nesse sentido, de o pessoal pegar pela parte mais teórica, que não desabona, porém a parte prática... E a gente vê que isso não é uma realidade somente de Santa Catarina, é uma realidade do Brasil, que algumas vezes uma pessoa termina a graduação e já emenda no mestrado, que já emenda no doutorado, por causa do quê? Pela falta de espaço de trabalho, concurso, de contratação, por editais, o que for, e vai emendando, só que, quando ele vai emendando, ele não vai trazendo aquela expertise que ele tem de trabalho, a questão de aplicar uma documentação museológica, por exemplo, de fazer um planejamento educativo dentro do espaço de um museu. Então, ele vai galgando até o momento que conseguir encaixar. Eu vejo ainda que o museu tem que começar pelo sua base, pelo planejamento. Tu não pode pensar uma coisa sem saber quanto é que tu vai ter que gastar, quando que tu tem de dinheiro, no caso, pra tu poder fazer uma documentação, uma exposição, um processo de conservação preventivo, curativo, o que for, e ao mesmo tempo quanto custa esse museu pra sociedade.

**Franciele** | Porque quando se fala em museu, se fala numa gama de profissionais que estão ali dentro. Toda uma questão de recursos, que a gente sabe que são envolvidos. Não dá pra se pensar museus dissociando dessas situações todas que eu estou colocando e também que você colocou. Uma outra pergunta: a questão das tuas pesquisas e estudos durante a faculdade. Porque você estagiou na área da documentação museológica. Foi também aquilo que você estudou no Trabalho de Conclusão de Curso,

enfim, fala um pouquinho para a gente sobre essa questão do teu TCC.

**Marco Antonio** | Então, na época, Itajaí só teve dois tipos de governo naquele momento. Direita e esquerda. Não tinha, não tem esse meio termo. Centro. Hoje nós temos o Centro aqui em Itajaí, mas na época era direita e esquerda. Uma direita que ficou muito tempo no poder, e uma esquerda que teve lá um período de quatro anos, um breve período de quatro anos, uma gestão. Dava para ver a diferença entre um e outro. E isso era claro, de forma de como tratar o museu. Tanto que o museu etno era para ter aberto em 2005, no máximo 2006, e só foi ser aberto oficialmente em 2010, por causa dessas mudanças políticas. Então eu trabalhei no meu TCC a questão de que políticas públicas se tinha em Itajaí para museus? Eram políticas escritas ou eram coisas de governo? Trabalhando em cima de relatos da própria instituição, o que é que os gestores deixaram registrado nos documentos que a própria fundação executava. Tinha uma das instituições que fez os concursos, que executou uma questão dos grandes nomes, dos grandes fatos. Hoje, se falar isso, a visão é outra, uma questão de Museologia mais social, de trabalhar com a sociedade, com a comunidade. E um governo de esquerda que queria uma outra forma de ter os museus trabalhando de uma maneira que privilegiava a questão do patrimônio imaterial, coisa que na Fundação Genésio, onde eu trabalhava, isso nunca, de forma clara, foi trabalhado e trouxeram isso. Ou seja, tu tinha de um lado o material e o imaterial. E aí ficou essa junção que nunca fechou nesse sentido - e, detalhe, por mais que a gente fale de uma esquerda, na época, o que teve de terceirização de serviço, não estava no gíbi. Foi muito serviço terceirizado naquele momento. E ao contrário da direita, que eu trouxe uma discussão de uma profissionalização dos museus através de concursos. Então, acimentar mesmo essa questão de “Olha queremos isso”. Tanto que depois essa questão da discussão do patrimônio imaterial foi meio que diluído com a saída desse governo, porque não fez uma política pública. “Olha, queremos trabalhar com patrimônio imaterial”. Não teve isso, não teve continuidade. Então eu trabalhei no TCC que foi mais uma questão de política de governo do que uma política pública de grupos, nem de governo, de grupos que queriam trabalhar sobre o patrimônio museológico naquele momento.

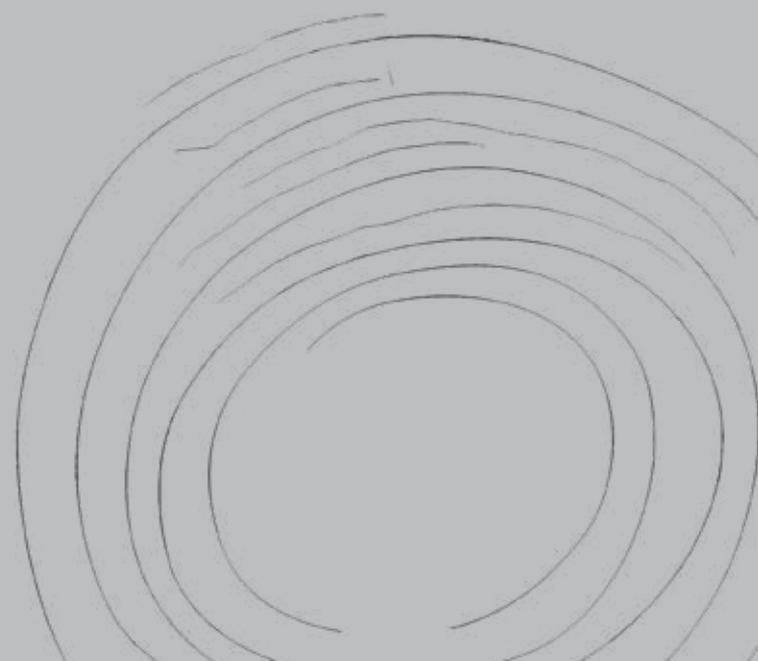
**Franciele** | Sim. Você se formou e logo depois

já pegou o registro. Como é que foi essa questão do processo do registro? (Teve uma pergunta aqui no chat sobre como é que a gente se torna museólogo). Enfim, fala pro pessoal como é que a gente se torna museólogo.

**Marco Antonio** | Na realidade, não tem muito mistério. Uma coisa que a gente teve na Unibave, que sempre foi reforçado, é que você se forma bacharel em Museologia. O museólogo é aquele que tira registro. Porque não adianta tu te formar e não tirar o registro, porque tu também não fortalece a área. Então, automaticamente, quando terminei minha faculdade, só foi o tempo de chegar o diploma (a Unibave era mais demorada a questão do diploma ter vindo, porque nós éramos no Centro Universitário, não era uma universidade, então tinha que ir até o governo estadual voltar esse tipo de coisa. Ou seja, tinha um tempo) e, na época, a sede era em Curitiba, veio para Orleans, que depois foi para Florianópolis. Quando veio para cá, a primeira coisa que eu fiz foi dar entrada no registro, mesmo não estando trabalhando como museólogo no local onde eu trabalho. Mas era uma coisa de fortalecer o nosso campo. Por que saiu do Paraná e veio para Santa Catarina? A quantidade de museólogos existentes que tinham no Paraná era menor que em Santa Catarina. Então era meio que uma coisa de reforçar os quadros que já tinha aqui em Santa Catarina também. Eu fiz quatro anos de faculdade, eu quero ser museólogo. “Ah, mas tem que pagar as taxas, não sei o quê”, mas é uma profissão regulamentada. Tudo na vida tem o ônus e o bônus. Então, para eu ser museólogo, eu precisava fazer todos os trâmites que me pedem e me pediam: a questão do diploma reconhecido/autorizado no MEC, fotos, questão de identidade, endereço, pagar as taxas devidas. E não mudou muita coisa de lá pra cá. Até hoje eu brinco, eu e uma maiga, Caroline Martelo, que nós nos formamos juntos e ganhamos até uma lembrança da UNIBAVE pelos quilômetros rodados, para fazer a graduação em Museologia; a Carol andava até mais do que eu. Eu não vou chegar no final com a faculdade e falar assim “Eu não quero isso!” É tempo, é dinheiro, e eu não podia perder.

**Franciele** | E a questão dos teus trabalhos? Uma vez com o registro na mão, sendo museólogo, você começa a pegar alguns projetos por fora ou você fica somente na cidade de Itajaí e lá permanece? Conta para nós aqui um pouco se você conseguiu esses projetos por fora, foi pegando...

**Marco Antonio** | Como eu sou servidor público, ... Eu fui concursado para um tipo de cargo. Não quer dizer que, no momento que eu peguei o diploma, meu registro e “Ah, vou virar museólogo no museu”. Não, continuei cumprindo com o meu cargo. Porém, eu e outros colegas que também tínhamos nos formado pensamos “Ah, vamos trabalhar com projetos” - e, na época, nós éramos a segunda turma de Museologia no estado de Santa Catarina. Claro, tinham outros profissionais também. E a nossa turma era uma turma de muita gente de fora. A primeira turma de Museologia, a grande maioria, era de Orleans; só que a segunda não; a segunda era muito mais gente da região sul de Santa Catarina e de outras regiões do estado. Então, “Vamos trabalhar com a questão que na época era possível.” Então um dos colegas, o João Paulo, optou em abrir uma empresa e foi convidando pessoas para trabalhar nela. E aí eu comecei a trabalhar nessa empresa com assessoria. Como é que funcionaram os trabalhos? Tinha um trabalho XYZ. Se nessa assessoria cabia a documentação musicológica, eu trabalhava com documentação musicológica. Cabia ação educativa, de conservação, também trabalhava nisso. Educativo nem tanto, mas de conservação também. Ou seja, eu trabalhava conforme a empresa vinha. Fizemos um dos primeiros planos museológicos do estado do Paraná, tirando o Museu Paranaense, que já tinha. Mas fora ele, um dos primeiros, que foi da Sanepar, foi essa empresa que fez. Também trabalhamos em outros projetos por PCH [Pequenas Centrais Hidrelétricas], que tinha lá no Oeste do estado [SC]. História de requalificação de espaços museológicos com a questão expositiva. Então, montava umas exposições também. Tinha outros colegas que trabalhavam com a questão de gestão, outros com a questão educativa... E, claro, hoje eu não faço mais



assessoria para a Viés Cultural, até mesmo por questões de trabalho na instituição onde estou hoje, que na época tinha uma flexibilidade maior, hoje nem tanto. E aí eu fui trabalhando, fazia o meu turno de trabalho e, se eu precisasse fazer algumas horas a mais para poder me ausentar... tinha vezes que eu trabalhava 36, 72 horas, sem dormir, porque eu também tinha um objetivo. Eu tinha um objetivo de ter uma casa, de ter uma vida além daquilo que a prefeitura me dava. Então eu precisava complementar esse meu orçamento. Chegou um momento que eu falei o seguinte: “Continuo fazendo assessoria, continuo, de uma forma minorizada, sim, minorizada, mas foi uma alternativa. Era uma empresa totalmente formada por pessoas que se formaram em Museologia. Tinha mais um historiador. Foi a primeira empresa do sul do Brasil em Museologia. Então eu tive também esse orgulho de participar desse processo.

**Franciele** | Foi a primeira empresa registrada no COREM 5R, né?

**Marco Antonio** | Sim, de empresa museológica, sim.

**Franciele** | Porque muito se fala onde o museólogo vai atuar. Ele se forma, mas qual é a gama de trabalho do museólogo. Enfim, museólogo pode abrir uma empresa, né? Pode participar de uma empresa. É justamente isso que você comentou. Pode ter esse viés de empreendedor.

**Marco Antonio** | Porque hoje não é uma coisa tão hermética acessar o serviço público. Hoje tem licitações, a exposição, o plano museológico, para fazer processos educativos; está muito mais variado hoje. Óbvio: eu não quero dizer que tem que privatizar tudo, pelo contrário, eu penso o contrário disso, mas é uma possibilidade. Por exemplo, o que que custa três ou quatro colegas “Ah, vamos formar uma empresa dentro do que se conhece dentro da faculdade, tu pega uma área, tu pega outra, e assim vai fazendo. Então foi mais ou menos assim a Viés”: cada um foi pegando uma área e, claro, na medida do possível, um colaborando com o outro, que também não pode trabalhar sozinho. Uma coisa que eu sempre digo, trabalhar sozinho na área de museus é suicídio com tortura chinesa. Não digo que em qualquer profissão pode ficar isolado, mas o isolamento na Museologia é batata para uma pessoa não conseguir mais trabalhar. Então, quanto mais se mantiver junto com as pessoas, minimamente com outros profissionais, é importante, porque nessa área a

gente precisa sempre estar lendo, precisa estar sempre fazendo curso, precisa estar sempre se atualizando, se não tu vai morrer.

**Franciele** | Sim, até pensando, Marco, essa questão de que hoje você está na presidência do COFEM, que é o nosso órgão federal de Museologia, e já esteve aqui no lugar que hoje eu estou ocupando, que é a presidência do COREM 5R. Agora você, não enquanto presidente do COFEM ou ex-presidente do COREM 5 Região, mas enquanto o profissional museólogo, você vê que existe uma união da classe. Você acha que o museólogo é um profissional unido?

**Marco Antonio** | Infelizmente, a gente não tem isso, não tem esse espírito.. Quanto tu é pequeno e tu sabe que tu é pequeno, e a nossa profissão é uma profissão pequena, digo, pela quantidade de profissionais, há pouco tempo só que foi expandido a questão de cursos... (começou a expansão de cursos com a UNIBAVE, depois o governo federal foi expandindo nas diversas universidades pelo país, mas antes da UNIBAVE, só a Unirio, a UFBA, e todos eles muito concentrados, ou na Bahia, ou no Rio). E no nosso caso, aqui em Santa Catarina, no interior — lembrando, Santa Catarina é um estado que não é a capital que manda; é o interior que tem maior força que a capital, ao contrário dos outros dois estados, que tanto o Rio de Janeiro quanto Salvador, mantêm essa força maior que o interior. Mas aqui em Santa Catarina não, o interior tem mais força nesse sentido. Por mais que o pessoal da Ilha ache isso, mas é fato. Os maiores PIBs ficam fora da capital. Ou seja, não é unida. E isso compromete todo mundo. Quanto tu é pequeno e tu ainda não te associa a outras pessoas pensando que é necessário fortalecer uma área, te garanto que tem outras pessoas que estão batendo palma pra isso. Um historiador, e falo de forma respeitosa, um arquivista, um bibliotecário, todos eles, os próprios conservadores, que estão aí no seu processo de regulamentação da sua profissão... Isso depõe contra nós. É obrigatório; no momento que a gente é museólogo, tem que botar o seu número de COREM. Tem muito museólogo que não coloca seu número de COREM por desconhecimento, mas tem gente que não coloca por vergonha. Fez quatro anos de faculdade, investiu tempo, investiu, dependendo como for, até dinheiro, e, no final das contas “Ah, porque eu não consegui emprego”. Tem que batalhar, tem que correr atrás; óbvio, tem estados que são mais fáceis, tem estados mais

difíceis, mas também se não batalhar pelo teu campo de trabalho, te garanto que vai ter gente que vai bater palma pra isso. Então, infelizmente, é uma coisa que eu sempre digo: sozinho tu não consegue nada, mas trabalhando de galera... Ir no Ministério Público, forçar uma prefeitura a ter um concurso, ir numa universidade exigir que tenha um museólogo dando aula para ti. A gente vê como é que essas empresas estão trabalhando de Museologia e precisam de gente. Veja, é um trabalho. Só porque é da área da cultura, não exime a gente de ser que nem um enfermeiro... Se o museólogo não se vê como um corpo, tem gente que vai bater palma. Infelizmente só tenho a dizer isso. Torce para que o museólogo continue assim.

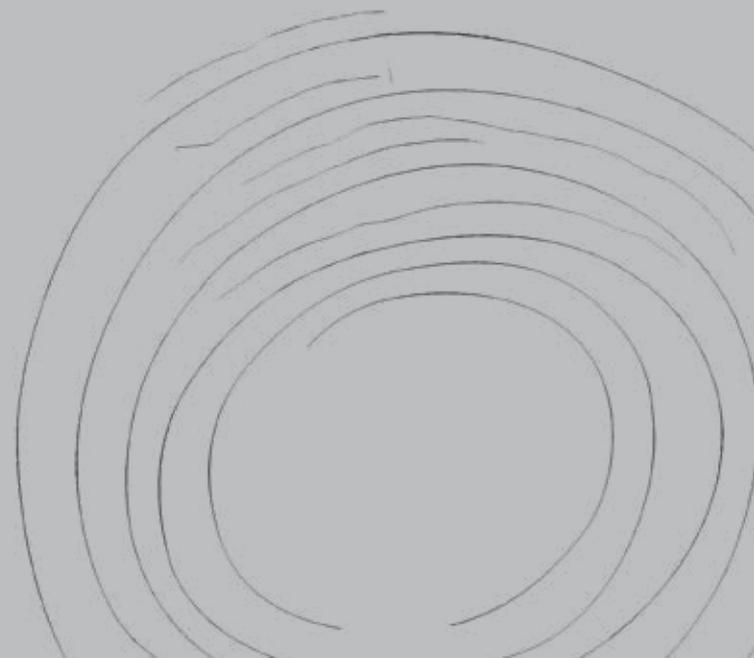
**Franciele** | Sim. Sim, é pensar que esse lugar que o profissional museólogo não ocupa, no final das contas, é ocupado por alguém.

**Marco Antonio** | Desculpa a comparação: “não existe bala perdida, existe corpo no chão.” O museu não vai deixar de trabalhar, o museu não vai deixar que as coisas continuem. Se o museólogo não está no campo de trabalho dele, alguém vai estar. Novamente, e estou falando de forma respeitosa, um historiador, um conservador, um arquivista, um bibliotecário ou qualquer outro ente - já tivemos advogado dentro do museu, fazendo o trabalho de um museólogo. Ou seja, é complicado. E aí uma coisa que também a gente tem que pensar: quando tu vai num posto de saúde, tu quer ser atendido por um enfermeiro; quando tu vai num hospital, quando tu tem algum problema, tu quer ser assistido por um médico; quando tu vai fazer uma obra, um prédio, uma casa, tu quer um engenheiro; quando tu vai abrir um processo, tu vai buscar um advogado; um museu só pode funcionar com um museólogo. “Ah, mas, Marco, a Museologia se expande”. Se expandiu, mas nessas outras profissões tu não entra no hospital sem pedir por um médico, e não por um “a”, por um “b”, por um “c”, porque é serviço de um médico, de um enfermeiro, o que for. Numa sala de aula, um professor. Então é isso que a gente tem que ter, essa mente. É um campo nosso, de outros também, mas primeiramente, nosso. Eu não vejo um cara entrando num posto de saúde sendo atendido por um engenheiro civil.

**Franciele** | Até por isso que eu pergunto pra você, porque você já esteve aqui no COREM 5R, agora você está no COFEM, enfim, já teve toda a sua trajetória, e você continua o seu trabalho de museólogo. E nós vemos e ouvimos as mesmas questões lá da época da faculdade. A

gente continua ouvindo “Ah, museólogo precisa batalhar pelo mercado de trabalho, mas, por exemplo, hoje nós temos a Inteligência Artificial. Será que ela vai também afetar o mercado de trabalho do museólogo? Qual é o museólogo do futuro, na tua opinião?”

**Marco Antonio** | Toda a tecnologia é bem-vinda, se soubermos como se usa ela. Uma tecnologia é uma ferramenta. Ela não é um fim, é um meio. Quem produz a ferramenta, quem trabalha com essa ferramenta é uma pessoa que tem carne e osso, tanto que uma das grandes situações da Museologia é informatizar os seus acervos. E a gente ainda patina muito na questão dos próprios mecanismos de trabalho que nós temos. Eu acho que um museólogo não é tão afetado, mas um contador, sim, porque hoje tudo na contabilidade é praticamente informatizado, mas a Museologia ainda é um campo que, como também na medicina, na enfermagem, vai precisar da presença humana. Porém, toda a questão de trabalho, desse trabalhar do profissional, necessita de equipamentos. Ele vai precisar em algum momento ter uma situação de averiguação. Vamos supor, “Ah, sobre tal tema, quero fazer uma exposição.” Tu vai precisar saber onde é que tem bibliografia, onde é que tem essas informações. Ou seja, é uma possibilidade de usar uma inteligência artificial nisso. Por que não? Eu vejo, assim, como o Marx falava no século 19. Uma das grandes perguntas de Marx era por que as pessoas são infelizes? Onde estava começando um grande processo de industrialização, de mecanização dos meios de trabalho. Isso é uma das grandes perguntas do século 19, e hoje vivemos mais ou menos esse período, só que numa outra dinâmica. Então, essa questão da Inteligência Artificial, que é uma coisa que vai ser discutida... Eu sou do tempo que eu vi... ainda brinco, né? Eu queria ver se o Exterminador do Futuro fosse feito hoje com esquema de



Inteligência Artificial, tudo pessoal vindo como uma questão positiva, que na década era visto como uma questão extremamente perigosa. Hoje não, hoje tem uma outra percepção desse processo. E aí eu não sei se a gente pode dizer se é bom ou positivo, pois a gente ainda está no olho do furacão. Eu, particularmente, sou filho do final do século 20. Eu comecei a ver os computadores, a trabalhar no início dos computadores. Hoje o computador está no aparelho celular, que era só pra ligar. Então, fazer ligação, mas tem que saber o que tu queres com a tecnologia? O problema é que antigamente eram as enciclopédias e hoje está tudo no Google. E tem que saber como usar um Google, qual é a leitura que eu quero? O que eu quero daquilo?

**Franciele** | Acaba que o muda o suporte, mas a informação em si continua.

**Marco Antonio** | Quem detém a informação? Somos nós. Até se chegar um dia alguém falar que não precisa de um museólogo por causa de Inteligência Artificial, é sinal de que a humanidade também deixou de ser necessária, porque, diz a lenda, que os museus são reflexos da sociedade. Não sou eu que digo, são outras pessoas que escreveram sobre essa situação. Então é muito relativo.

**Franciele** | Por isso que eu te pergunto, porque, não faz muito tempo, eu escutei de uma pessoa, quando eu falei que eu, museóloga, trabalhava muito com essa parte de planejamento de um museu, de como você pensa o museu do ponto de vista de uma instituição que está ali no dia a dia, e eu escutei de uma pessoa que essa parte toda de planejamento, de pensar um plano museológico, tudo isso um chat GPT já vai resolver. Então me veio essa pergunta, essa coisa, “Poxa vida, eu acho que o museólogo vai perder espaço de mercado de trabalho”; por exemplo, quando tiver que confeccionar um projeto educativo e um programa de documentação, enfim, mas realmente, no dia a dia, é difícil falar de museu sem museólogo.

**Marco Antonio** | Eu vejo diferente; nenhum museu é igual ao outro. O Museu Histórico é diferente do Museu da Família Colonial, que é diferente do Museu de Arte de Joinville. Não é um padrão. O chat GPT trabalha por padrões; museus não têm padrões, porque a sociedade é dinâmica. Uma pessoa aqui de Santa Catarina não é o mesmo cara do Paraná, que não é o mesmo cara do Rio Grande do Sul. Então eu vejo muito que não tem um padrão, nós não somos

padrões. Este tipo de situação de Inteligência Artificial vai trabalhando por padrões, e esses padrões são adequados com a dinâmica que tu dá nisso. Estou falando isso hoje, daqui a cinco, dez anos, posso estar rasgando o que tô falando aqui. Porque, como eu falei anteriormente, eu comecei trabalhando com o computador, e as gravações eram feitas em fita cassete; hoje o computador está praticamente no celular, num smartphone, então é diferente. A tecnologia é diferente. Aceleramos a tecnologia, aceleramos a história, aceleramos tudo. Tudo o que a gente tá falando hoje pode ser que seja relativo, mas eu acho muito difícil, muito difícil hoje, olhando o panorama agora de cinco, dez, quinze anos. Primeiro a gente tem que ter um museólogo no museu para depois começar a pensar nisso.

**Franciele** | Mas tem pessoas que estão pensando em pular esse passo, esse degrau. “Pra que museólogo se já pode ir direto no chat GPT.”

**Marco Antonio** | Se ele não tem dinheiro para ter o computador, como é que ele vai entrar no chat? É essa discussão que está se tendo hoje. O museu tem que ter sustentabilidade, se não, como tu vai ter um profissional? Qual é o planejamento disso? Sem planejamento tu não faz... Pode ser que tenha uma Inteligência Artificial que faça tudo: ótimo. Pra ele chegar lá, precisou ter investimento, planejamento, e assim sucessivamente. Não é assim, eu acho que está aí, tem que saber agora como lidar com essa situação agora, falar que isso vai, eu acho meio complicado, mas. Isso tudo é, eu acho, meio complicado, não vejo isso de uma maneira séria acontecer, mas é a vida tá aí.

**Franciele** | E sobre esses trabalhos todos que você fez, uma carreira de mais de dez anos de atuação na área de museus, né?

**Marco Antonio** | Se estamos em 2024, faz 14 anos que eu peguei meu registro. Eu me formei em abril e peguei em julho. Este ano vou fazer 14 anos de registro.

**Franciele** | Teve algum trabalho que você considera uma referência, que você se orgulha de dizer que trabalhou? Se puder contar um trabalho que te marcou em termos de assessoria, alguma ação técnica que você fez?

**Marco Antonio** | Olha, depende da época. Por exemplo, eu fiz trabalho para o museu da empresa Weg. Foi um trabalho bacana, uma experiência diferenciada, como também foi feito trabalho para as PCHs no Oeste do estado, onde foram

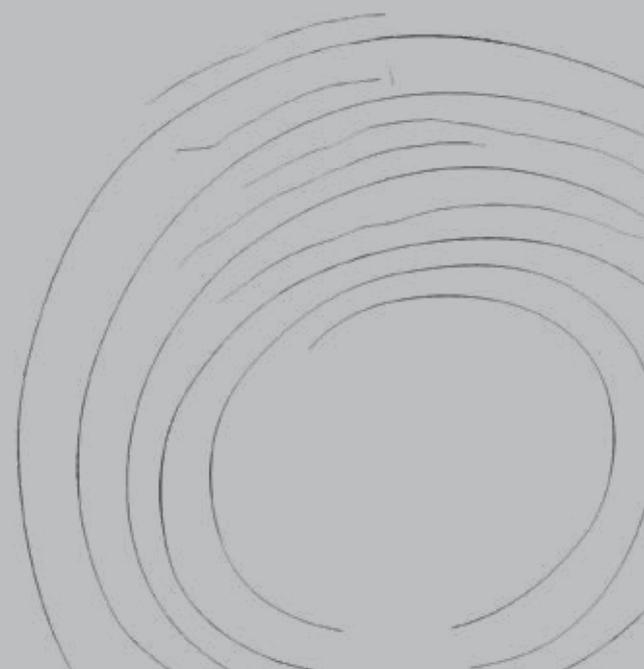
onde foram montadas exposições, as casas de memória que tinha lá. A questão dos planos museológicos que foram feitos para a SANEPAR; na minha opinião, ficou redondinho. Agora não sei como é que tá, porque eles deviam ter atualizado já esse documento; ficou redondinho também. De conversar, de fazer as oficinas do Sistema Estadual de Museus [SEM/SC], que eu trabalhei também nas oficinas do Sistema Estadual de museus, que pra mim foi muito legal, porque tu sai da esfera do executar pra esfera do demonstrar como faz, que é diferente. É totalmente diferente. Tu está na frente do negócio e tu executar essa situação e mostrar para as pessoas como é que faz isso; é uma outra expectativa, porque tu sai da realidade da questão da execução para a formação. Então é diferente também. Quando dei aula no UNIBAVE também foi uma experiência bacana — e detalhe, não tinha muito tempo de formado. Eu entrei em 2010 e estava dando aula no Unibave, se não me falha a memória, em 2011, 2012, isso me fala então. Hoje eu vejo o seguinte: aquele profissional que tem a condição de fazer o trabalho dele de forma presencial, como também estar dando a sua experiência para outros profissionais, tu ganha nas duas pontas e tu aprende também, então. Também tem aqueles que tu pensa assim “Bah, que coisa mais aleatória”, mas serviu para experiência. É saber agora usar essa experiência para outras coisas que vão acontecer. Então, saber como dosar isso, essa questão. Então eu vejo, não tem “Ah, esse trabalho foi o melhor”. Não. Todos eles foram legais. Esse da SANEPAR foram eles que quiseram fazer o plano museológico deles, uma empresa que... um museu que dentro do estado do Paraná não é que nem o Oscar Niemeyer, o Museu Paranaense, ou algum museu de arte que o pessoal gosta, Museu da Imagem e do Som, que o pessoal gosta bastante. Não, era o Museu de Saneamento. Ou seja, para mim foi uma expectativa, uma experiência fora daquilo que a gente conhece de um museu “quadrado”, museu de arte, histórico, arqueológico, etnográfico...

**Franciele** | Marco, estamos agora caminhando pro encerramento. Temos aqui algumas perguntas. Pra você falar um pouco sobre a questão de como foi aqui a tua atuação como presidente do COREM [5R]. E os atuais desafios como presidente do COFEM. Porque comentamos no início da live que você ficou um bom tempo presidente, esteve como presidente do Conselho Regional e agora é o atual presidente do COFEM. Isso nos alegra bastante. se puder falar um pouco dos desafios e da atuação no COREM 5R.

**Marco Antonio** | Bem, quando eu assumi o COREM 5ª Região, eu assumi ele dentro do Ministério Público Federal. Foi feita uma denúncia de que pessoas formadas no Unibave não podiam ter tirado o registro, porém a pessoa que fez não tinha conhecimento de como que é um processo de reconhecimento de Centro Universitário. No momento que o COREM estava ainda em processo de ele ter saído do Paraná e ido para Santa Catarina. Então eu peguei todo o processo ainda de assentamento do conselho no estado.

**Franciele** | Isso foi em que ano mesmo?

**Marco Antonio** | Foi em 2012, mas logo quando peguei em dezembro, em janeiro já estava no Ministério Público [de Santa Catarina]. Então foram seis meses que eu aprendi bastante, tomando surra do COFEM na época, mas aprendemos bastante, porque foi bem na época que começou logo depois o COFEM começou a profissionalizar os COREMs. Porque antigamente o Tribunal de Contas da União (TCU) é quem fiscalizava os conselhos. Então, toda vez que sai uma normativa do TCU é uma noite que eu não durmo, porque a gente começa a fazer conta de 1 + 1, de como vai poder operacionalizar isso. E na época a gente tinha recém-formado, só tinha a UNIBAVE na época, depois chegou a UFSC. Então, só tinha um curso e ainda em um mercado em Santa Catarina em processo de abertura, concurso. Era uma situação meio positiva por um lado, mas, por outro, desafiante, por causa das questões que eu caí dentro do conselho pensando uma coisa e infelizmente tive que mudar todo o processo; eu internamente, pensando como profissional e olhando o nosso campo de profissão. Era para ficar no máximo três anos e fiquei, por baixo, seis. Antigamente os mandatos de presidente, de diretoria era um



ano só. Hoje não, hoje são de dois. Na época tu tinha que estar sempre se elegendo, porque são seis meses só para acertar a documentação. Os outros seis começa a trabalhar; fora as brigas que tu tens de fiscalização, que na época não existia fiscalização. O COREM 5R foi um dos primeiros COREMs a fiscalizar no Brasil. No Brasil! E abriu concurso, abriu linha de frente de trabalho que hoje tem pessoas que não se imaginam, mas estão por causa da questão de fiscalizar, o que o 5R fez fiscalização. E tu deixa de algumas vezes de estar com a família, fazendo outros projetos, outras coisas, até ócio. Eu vou ser sincero: a última vez que eu tive ócio foi agora no ano passado, que fazia anos que eu não sabia o que era férias. E quando assumi o COFEM, eu já estava literalmente saindo fora, e nós do COREM 5R íamos ficar sem representante no COFEM. Aí eu me predispos. Falei na época com a presidente, que era Letícia [Ostracilda Acosta Porto]. “Olha, Letícia, eu vou me jogar pro COFEM, porque se não nós vamos ficar sem representante. Com representante a coisa já era difícil, imagina sem. E é uma questão política, museológica, então tinha que ter alguém. E aí quando ia dar esse vácuo, porque o mandato anterior, que ela da museóloga Clarete, e estava encerrando, e ela falou que ia abrir mão, e eu me candidatei e acabei entrando; só que a minha vontade ao entrar no COFEM era colaborar em alguma comissão, participar das reuniões e, por acaso do destino, caiu a presidência no meu colo, como foi na outra vez do 5R. No meu colo, digo, dentro das organizações internas do COFEM, acharam interessante ser eu o presidente. Lembrando, possivelmente (não tenho certeza disso), eu tenha sido o primeiro presidente do interior, que não está em capital. E outra: Santa Catarina nunca teve essa possibilidade, se não me falha a memória. Paraná teve. A Clarete [de Oliveira Maganhotto] parece que já foi presidente uma vez. Ou seja, é tudo novo. E eu sou sincero, eu estou nessa lida da política museológica desde 2010 para 2011. Estamos em 2024: são 14 anos nisso. Esse ano vai acabar minha gestão e eu quero me dedicar aos projetos particulares meus. Eu quero pensar no doutorado, quero pensar coisas fora daquilo que tu precisas pra tua vida. Preciso ver questões particulares, questões de saúde. Eu preciso ver essa situação, porque o quando eu entrei, ainda brinco, quando eu entrei, eu tinha cabelo comprido que batia aqui no meio das minhas costas. Hoje estou de cabelo curto e cabelo branco, ou seja, eu já dei minha colaboração, já fiz o que eu pude fazer pela área. Acho que agora chegou o momento de outras

pessoas, independentemente de ideologia, de como fazem, de que faculdade veio, como veio, como fez... Eu acho que é o momento de passar a bola para o outro e seguir a vida, tem que seguir. Eu fiquei no 5R esse tempo todo por causa das questões de não ter gente para assumir, mas chega um momento que tu tem que falar o seguinte, “Olha, chegou o teu limite, tens agora que pensar outras questões.”

**Franciele** | Marco, até agora estamos falando dos teus planos. Hoje, em poucas palavras, você poderia falar um pouco pra gente sobre quem é o profissional Marco. Se você possui sonhos, ainda na profissão, se tem algum desejo envolvendo a área museológica que gostaria de revelar ou compartilhar conosco aqui nesta live.

**Marco Antonio** | A única coisa que acho que tinha que ter na profissão é a gente ser mais ético com nós mesmos. Não é ético no que tu vai fazer no teu local de trabalho, mas é imaginar [...]... quando estivemos em Orleans, no Fórum Nacional de Museus — e não sei se tem alguém aqui da minha turma aqui. Eu participei da primeira executiva nacional e foi uma briga desgrentada entre nós e os outros cursos e a UNIRIO na época, mas por questões óbvias de como formar essa executiva nacional naquele momento, e eu falei pro pessoal do UNIBAVE “A gente tem que ser que nem umas falanges gregas, um abraçando o outro. Se não a gente é tratorado pelos grandes.” E eu acho que é isso que precisa trabalhar. Independentemente do que o cara acha do amiguinho, se o amiguinho é bonito, se o amiguinho é feio, se não gosta do amiguinho. Mas se não trabalhar de forma junta, mesmo que o cara faça uma coisa que tu não goste que ele faça, mas é o que ele faz. Desde que não afete nenhuma questão ética ou uma questão de conservação do seu acervo, de integridade daquela cultura que ele está trabalhando, mas tem que trabalhar de forma mais íntegra, tem que trabalhar de forma mais junta. Uma coisa que falta para nós... Eu não sei o que que o cara faz no Oeste do estado, eu não sei o que que acontece no estado do Paraná. Não estou falando que eu quero saber para meter o bedelho. Mas, pô, tem lá um cara lá em Curitiba que está fazendo um trabalho assim, assado, pô, na cidade de Cascavel ou em Chapecó, ou em Blumenau; isso falta para nós. Se a gente tiver conhecimento de nós mesmos, da nossa área, muitos dos nossos problemas são resolvidos. O problema é que a gente não se conhece, a gente não sabe nem quantos museólogos são; se a gente

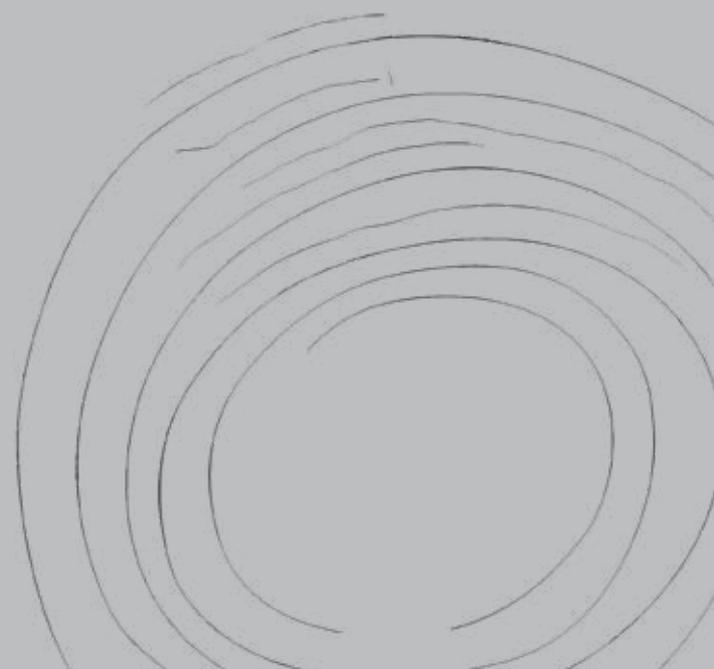
pegar desde o momento do curso de museus, que começou no Museu Histórico Nacional, e agora a quantidade de cursos que nós temos, a gente começa a ter uma noção... a gente é uma das primeiras profissões que trabalham com patrimônio neste país, junto com os arquitetos. Nós somos antes que o IPHAN. Então, Gustavo Barroso, e eu não estou falando de forma “Ah, vamos voltar ao barrosianismo?” Não. Gustavo Barroso já estava fazendo o trabalho que o IPHAN fazia em Ouro Preto. Por incrível que pareça, sabe quem é a primeira pessoa que deu dinheiro para preservação de patrimônio no Brasil? Foi um cara chamado Victor Konder, daqui de Itajaí, quando era ministro da aviação de obras públicas. Ou seja, a gente tem que conhecer a nossa história, a gente tem que valorizar o que nós somos. A Magaly Cabral uma vez numa oficina no NEMU em Laguna – a Magaly Cabral é uma museóloga que foi durante muitos anos diretora do Museu da República do Rio - ela, com um cigarro na mão e um copo de café no outro, num frio de Laguna, que manhã fria, falou “Somos pobres, mas somos soberbos”. Mas é isso. Nós temos que conhecer a nossa história, nós não conhecemos. Estamos no século 21, a Museologia social está muito dentro dos cursos de Museologia - que, detalhe, não sou contra, mas só que qual é o foco hoje? Qual é o nosso foco? É trabalhar com o museu comunitário. Pô, beleza, vamos trabalhar num museu comunitário, mas como vamos fazer isso, como uma forma sustentável de profissão? . Veja, vamos abandonar os modelos tradicionais? Se até hoje não conseguimos entrar os museus tradicionais... É uma questão hoje que eu vejo que a gente precisa nos conhecer como profissionais - e até eu tenho uma dica de leitura, o livro do professor Ivan [Coelho de Sá], eu acho que é uma boa leitura para quem quer começar a entender sobre a questão dessa influência do barrosianismo da nossa história, do nosso processo histórico. E ainda digo mais: o primeiro capítulo é perfeito. Ele trabalha com essa questão quais foram os autores que o Gustavo Barroso utilizou para falar o que é um museólogo? Onde que ele catou isso, Como é que ele construiu essa mentalidade dele? Então ele era um cara extremamente atualizado para a época dele. Na época que não tinha Internet, que não tinha ICOM, não tinha IBRAM, não tinha nada. Ou seja, num país que só tinha 10, 15 museus no país todo. O que eu quero dizer é o seguinte: a gente tem que conhecer a nossa história. A gente tem que saber quem nós somos e, principalmente, ter orgulho. O médico tem orgulho da profissão dele, o enfermeiro, e isso que isso seria o meu sonho. Claro, tem colegas que

não conseguiram espaço em vagas de trabalho, em áreas de trabalho. Mas eu digo, pessoalmente falando, que eu estou dentro de uma instituição museológica e não sou museólogo. Ou seja, por muitos anos, tive que carregar piano por causa de falta de museólogo. Tive que carregar... Esse carregar piano é a nossa profissão; os museus são os nossos pianos, se a gente não vir eles como nossos, vai ter gente que vai ver. Então é isso que falta na gente... Pode ser que esteja errado ou que seja uma visão utópica.

**Franciele** | Eu diria que é uma visão otimista sobre a área, sobre a classe.

**Marco Antonio** | Mas se eu falar que eu sou negativo perante a área, eu tenho que vender quindim na esquina. Outra coisa: o museólogo não tem uma visão política. Precisa ter uma visão de como eu vou chegar naquele vereador, naquele prefeito, naquele secretário. Como eu vou fazer isso? Não pensando no projeto pessoal, mas pensando no projeto de profissão. O médico, quando tá falando com um vereador, não tá pensando em si, tá pensando em quantas vidas ele pode salvar. Isso falta para nós também, esse espírito que uma peça é um livro, é um documento, e a gente vê e então a gente tem que pensar nesse sentido, que aquele documento, aquela memória, aquilo ali, é a nossa função-fim, se pegarmos a lei 7287, nosso artigo terceiro, qual é a nossa função? Então a gente não pode perder esse norte. A museologia social está aí. tá, tá aí. Eu acho que é bacana. Nós temos que ter uma visão além daquilo que nós temos. Entretanto, nós temos que ocupar aqueles espaços que são nossos também. Se não for ocupado; não existe espaço não ocupado, existe alguém ocupar o teu espaço.

**Franciele** | Marco, então agora indo aqui para a nossa penúltima pergunta. Em termos de



dica, conselho, enfim, que você poderia dar para os novos museólogos que estão iniciando seus trabalhos em museus ou ainda para os estudantes de Museologia. O que você poderia dizer de positivo sobre a questão da profissão ou uma mensagem que você poderia dizer ou gostaria de dizer.

**Marco Antonio** | Leiam, estudem, troquem e façam as trocas necessárias entre vocês, entre outros colegas, busquem informação. Vocês vivem hoje numa sociedade que se tu não tem informação, tu sabe onde conseguir. Sejam cascudos, que eu digo, briguem pelos seus espaços de trabalho, mas sabendo brigar como? Com inteligência. Seja inteligente. Nós trabalhamos na área de cultura. Nós somos extremamente criativos. Temos que ser criativos. Somente pensar “Olha, só quero trabalhar naquilo”. Não, não, é legal, mas tu saber o que é que o museu faz no seu espectro político, cultural, social, público; nós somos políticos, querendo ou não. Nós precisamos ter essa função que é necessário nós mostrarmos que somos importantes, e não dizer o seguinte, que tem que cumprir uma lei. Não, não é só cumprir uma lei. Eu fui capacitado — eu falo essa palavra “capacitação”, tem gente que vai me triturar —, nós somos capacitarmos para estar dentro de uma instituição museológica, nós somos capacitados para pensar numa instituição museológica. Eu digo instituição museológica uma instituição de cultura. A gente fala só museu. Não, tem museu, tem centros culturais, tem coleções particulares, tem as coleções, as coleções visitáveis, ou seja, existem outras, existe uma vida além da universidade. E essa vida tem que ser como se o seguinte “Eu estou aqui na universidade, mas tem que estar de olho como é que está o meu mercado de trabalho? O que que eu quero? Vou trabalhar no museu de arte. Beleza, vou querer ser um *courier*? Beleza. Vou trabalhar como museólogo documentalista. Ótimo! Vou querer trabalhar com ação educativa. Maravilha, mas sempre olhando, não espera que acabe a faculdade pra depois olhar o mercado de trabalho. Não. Tem que estar na faculdade olhando no mercado de trabalho. Tu não pode desassociar o que tu aprende com o que está acontecendo lá fora. No momento que tu só fica nisso aqui, tu nunca vai acessar isso aqui — aí sim, tô sendo negativo. Tu nunca vai conseguir dessassociar aquilo que tu aprende aqui e pedir para os professores fazer essa ponte, porque tu vai sair da faculdade e vai querer estar empregado? Museologia não é uma Walita. É um curso social muito grande

e é necessário que as pessoas entendam, nós, profissionais, nós, acadêmicos, professores, o que for, que nós estamos botando pessoas no espaço que é muito visado. O que é que foi o Museu Nacional quando queimou. O Museu Nacional... todo mundo sabia, mas na hora que queimou, como é que foi? Nós fomos visados, nós cobramos que o Museu Nacional estava com problemas. E o que aconteceu? A fatídica noite em que eu não dormi. Eu olhando a GloboNews, não digo chorando, mas que lixo profissional eu fiquei naquele momento. Então a gente tem que buscar.. quem é de interior, quem trabalha no interior, é muito mais fácil que um cara que mora em capital. Os museus não estão na capital e tem museu na capital? Tem. Mas onde vai conseguir trabalho com mais facilidade no interior? Vai ganhar menos? Possivelmente, mas tu vai conseguir uma possibilidade de entrar e aí tu começar a subir, a galgar. Mas tem que ter diálogo, buscar o diálogo e saber se posicionar. Ministério Público tá aí, pessoal, tem que correr atrás. Se a gente não correr atrás dos nossos direitos, ninguém vai correr. “Ah, mas o COREM tem que fazer isso, o COFEM...” O COFEM/COREM não é sindicato, tem quem buscar esse sindicato. “Ah, vou formar um sindicato de museólogos”. Parabéns! Só que, para ser museólogo, tem está registrado no COREM. Então é uma questão que tem que buscar um corpo, tem que buscar gente junto. Eu acho que esse é o recado que eu posso dar: sejam cascudos, leiam, se capacitem, busquem informações, sejam parceiros de vocês, se não...

**Franciele** | Pessoal, finalizando aqui nossa live, gostaria de agradecer muito ao Marco pela sua presença. Por aceitar ser o nosso primeiro museólogo entrevistado — lembrando que a essa ação de convidar um museólogo da jurisdição do 5R vai se estender ao longo de todo o ano de 2024. Então, agora no mês de maio, que é o mês da Semana Nacional de Museus, é o mês do Dia Internacional dos Museus, nós vamos convidar um profissional do estado do Paraná. Até vamos fazer uma enquete e contamos com apoio e votação do pessoal aqui do Instagram. E lembrar que, neste ano comemoramos 40 anos de regulamentação da nossa profissão e que cabe a nós, órgãos, aqui, estando nas mais diversas cidades de Santa Catarina, Paraná, a gente tem que dialogar enquanto classe, o que o Marco deixou isso bem transparente, bem claro, da importância da união da classe, e dialogar com os nossos gestores, os nossos parceiros também de profissão, para estarmos conseguindo o nosso

espaço de trabalho. Nós não somos isolados enquanto profissionais. “Ah, eu estou no meu museu. Vou garantir o meu e que se vire o resto.” Mas pensar nessa união mesmo enquanto profissionais, que é aquilo que a gente já vinha discutindo no início das nossas formações. Pensar que eu também me formei onde o Marco se formou é, mas essas pautas continuam em discussão, dessa reunião, às vezes dessa lacuna de profissionais e que isso faz parte do nosso dia a dia. Então, novamente, Marco, quero agradecer. Lembrar que atualmente o Marco está presidente do COFEM, então para nós é uma honra muito grande ter o nosso registrado como presidente do COFEM, enquanto profissional que já atua há mais de 10 anos na área. Agradecer e ficar o convite para as próximas lives. Obrigada a todos que ouviram, comentaram. Até uma próxima.

**Marco Antonio** | Obrigado, pessoal.

**Franciele** | Marco algum mais, algum comentário?

**Marco Antonio** | Só lembrando que dia 21, 22 de maio nós temos uma atividade do COFEM, que vai ser também presencial, e eu peço a todos que puderem divulgar: principalmente dia 22 de maio, nós vamos estar fazendo uma leitura de um documento que amplia as atribuições do profissional museólogo. É necessária a participação da classe e de estudantes também. Então é uma discussão aberta, sem problema nenhum. E espero que colaborem, que é necessário, ou seja, é a atualização da nossa lei, pelo menos a questão de atribuições. Não vamos mexer na lei, mas vamos fazer uma norma infralegal. Hoje eu acho que são 13 ou 14 atribuições que o museólogo tem, se não me falha a memória. Vai para 50. Ou seja, estamos ampliando a capacidade do museólogo. Então eu peço que fiquem ligados nas redes sociais do COFEM. Os COREMs também vão divulgar na medida possível, quando a gente estiver mais bem estruturado. Dia 21 e 22 de maio, no Rio de Janeiro, no Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. E quem puder estar no Rio de Janeiro, puder acompanhar, maravilha, mas ao mesmo tempo, quem não puder acompanhar, vai ser colocado na web para todo mundo acompanhar e também poder opinar.

**Franciele** | Obrigada, Marco, pela informação, lembrando que o site do COFEM é o [cofem.org.br](http://cofem.org.br). Quaisquer dúvidas, informações, podem entrar no site. O do COREM é [corem5r.org.br](http://corem5r.org.br). Nós temos as nossas redes sociais, site e e-mails

institucionais que vocês podem entrar em contato. Qualquer dúvida sobre a área da Museologia, sobre como vir a ser um profissional museólogo, vocês podem tirar aqui conosco pelo Instagram, pelo nosso site e e-mail.

**Marco Antonio** | Sim, qualquer informação sobre a profissão, por favor, acesse o site do COFEM.

**Franciele** | Marco, gostaria de deixar o teu contato de e-mail para quem quiser depois entrar em contato, agradecer, te mandar uma mensagem, uma reclamação, enfim, fica à vontade.

**Marco Antonio** | [presidencia.cofem@gmail.com](mailto:presidencia.cofem@gmail.com).

**Franciele** | Novamente agradecer ao Marco e a todo o pessoal do COREM 5ª Região, que deu todo o suporte, em especial à nossa conselheira Marcella Borel. Qualquer dúvida, reclamação, sugestão, estamos abertos a toda a comunidade. Um grande abraço a todos e até a próxima live. ■

## Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

---

### SITE

[www.corem5r.org.br](http://www.corem5r.org.br)

### INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

### E-MAIL PRESIDÊNCIA

[presidente.corem5r@gmail.com](mailto:presidente.corem5r@gmail.com)

### E-MAIL SECRETARIA

[contato@corem5r.org.br](mailto:contato@corem5r.org.br)

### E-MAIL TESOURARIA

[tesourariacorem5r@gmail.com](mailto:tesourariacorem5r@gmail.com)

### ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro  
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

### WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855